

# REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

## uma lembrancinha para turistas

por Astier Basílio

Jornalista e escritor



MERCADO PÚBLICO DE IZMAILOVSKY, abril de 2017. Moscou. É da Armênia o vendedor a quem me dirijo enquanto observo uma variedade de chapéus de pele. Como aconteceu durante toda minha estada na Rússia, minha cor avisa que sou estrangeiro. Imprescindíveis como equipamentos para não se sofrer com a baixa temperatura, os chapéus típicos, com pele e duas abas, são caros. Em lojas, o preço médio é de não menos que duzentos reais.

O broche incrustado com os tradicionais martelo e foice vermelhos só

está disponível nos produtos dedicados aos turistas. É muito mais barato. Pergunto ao vendedor a razão de haver tanta diferença. “É sintético”, me diz, apontando para as imitações em preto e branco.

Desembarquei em fevereiro de 2017 em solo que antes era denominado União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Mês em que teve início a Revolução que ainda mexe tanto com o coração e as mentes de muita gente em todo o mundo, em especial no Brasil. Por coincidência, há exatos 70 anos, o escritor americano John

Steinbeck, ao lado do fotógrafo húngaro Robert Capa, cruzou o oceano. O objetivo era observar o cotidiano e escrever sobre a vida das pessoas simples. “Lênin está em todo lugar”, disse em um dos trechos de *Um diário russo* (STEINBECK; CAPA, 2003), obra que foi publicada em 1948<sup>1</sup>.

Era o que imaginava encontrar. Sinais de que o centenário da Revolução estaria nas ruas, entre as pessoas. Em todo lugar. Mas, após quase três meses, e no que me é possível alcançar como limitada testemunha do cotidiano, a herança revolucionária se transformou em uma imitação sintética, vendida a preços baixos e que só interessa a turistas. Como o chapéu soviético de Izmailovsky.

#### “LÊNIN É UMA MARCA”

Há alguns jornais escritos em inglês, em Moscou. O *Russia Beyond the Headlines* é um deles. Em março deste ano, Oleg Yegorov escreveu uma reportagem cujo título era “Por que tantos russos um dia foram comunistas?”<sup>2</sup>.

Hoje em dia, na Rússia, se você se dirigir a um transeunte como “camarada” ou começar a discutir sobre o inevitável triunfo da classe proletária, provavelmente você será olhado com surpresa. Quase 100 anos após a Revolução de Outubro, quando os bolcheviques tomaram o poder e tentaram construir

o comunismo, a grande maioria do povo na Rússia não acredita mais nisso. Na verdade, o Partido Comunista recebeu modestos treze por cento nas últimas eleições [...] (YEGOROV, 2017, tradução minha).

Calhou de ser num domingo a minha primeira ida à Praça Vermelha. Fui guiado por uma namorada russa. Ela, como todos os russos que conheci, dão de ombros para a importância e o legado da Revolução. Todos têm alguma história de um seu ancestral, em relação ao regime, que não é muito boa. Ao ver meu entusiasmo e minha dedicação ao tema, ria de mim. Foi ela quem me apontou o primeiro dos muitos sócias de Lênin que batiam ponto nas imediações.

Para ficar ao lado de Lênin, paguei o equivalente em rublos ao preço de um cafezinho. Dei-lhe a gorjeta após tirarmos uma foto em meu *smartphone*. Ao seu lado, um rapaz perguntou se eu queria tirar uma fotografia. Concordei. Havia uma impressora portátil no chão. Instantes depois, me foi entregue um postal 20 x 25 cm, em tom sépia. O fotógrafo imitou a letra de Lênin e autografou com uma caneta cuja tinta era prateada: “Lênin, Moscou, 1917”. Pelo serviço, tive de pagar mais do que dei ao sócia do líder bolchevique.

No dia em que estive por lá, eram só turistas os que abordavam o imitador de Lênin. Havia muitos. Como não queria importuná-lo em seu horário de trabalho, pedi à namorada que fizesse

1 Inicialmente, meu objetivo era o de percorrer o mesmo caminho de Robert Capa e John Steinbeck, mas não foi possível.

2 Aponta-se, ainda, a existência de duas Rússias, no começo do século XX. A maior delas, pobre, rural, e a minoria, uma elite que não devia nada às melhores da Europa. Os revolucionários conseguiram falar para a Rússia pobre (YEGOROV, 2017).

uma pergunta, uma só. “Como ele vê o legado histórico do personagem que interpreta?” A resposta foi curta. “Lênin é uma marca.”

O que remanesce do mundo soviético, na Rússia hoje em dia, é um filão mercadológico voltado para a nostalgia. Bandeiras, camisetas e outros objetos são destinados aos turistas. Aos nativos, há linhas de restaurantes dedicadas exclusivamente à culinária dos tempos soviéticos. Da decoração à expressão antipática dos garçons, tudo evoca a URSS. O irônico é que, semanas antes de minha viagem, em uma mesa de bar em Campina Grande, avidamente discutíamos sobre a Revolução de Outubro e especulávamos conjunturas as mais delirantes, como quais teriam sido os rumos da história caso Trotsky houvesse se tornado o Secretário-Geral.

Só ao chegar em Moscou é que constatei existir uma Rússia inventada no coração e na alma de um segmento da intelectualidade brasileira. Sem que tenhamos nenhuma ferida familiar que nos machuque, nenhum trauma, enquanto escolhemos nossos drinques e beliscamos nossos petiscos, miramos o passado soviético evocando heroísmos e bravuras que de há muito ficaram resstritos aos compêndios de história. Essa Rússia, com olhos voltados a esse tempo glorioso, só existe aqui no Brasil.

Distorções de perspectiva. Algo equivalente pode ser visto na forma como os russos nos veem. Em meu livro de estudo, destinado a estrangeiros, há, como não poderia deixar de haver, referências

a outros países. Nada que vá além do clichê. Itália? Pizza. Espanha? Touradas. Brasil? Lambada. Sim. O ritmo que contagiou o país na década de 1990 ainda é lembrado por eles como uma característica cultural nossa. Pensei que a citação devia-se ao fato de o livro ser defasado. Não. Este ano, em um programa de televisão, em um dos mais importantes canais de lá, o Russia-1, o assunto foi o Brasil<sup>3</sup>. Na abertura, ao se referir ao país tropical, com os clichês de sempre, o apresentador também citou a lambada, algo que fez muito sucesso por um curto espaço de tempo, mas de que hoje em dia nos esquecemos ou sentimos vergonha.

#### **AS BIOGRAFIAS NA PRINCIPAL LIVRARIA DE MOSCOU**

Uma das mais prestigiosas casas de livro da Rússia tem nome simples: *Moscovski dom knigui*, que, em tradução para o português, é algo como “Livraria de Moscou”. Localiza-se no centro da capital, na avenida Nova Arbat. Muito próxima da Velha Arbat, avenida onde, em 1991, artistas foram comemorar o fim da União Soviética, e que se transformou em um lugar preferencial para turistas que não se importam com gastar muito.

Livros sobre o centenário da Revolução? Imaginei haver vários. Novas descobertas. Panoramas. Perfis. Ensaios. Biografias. Não havia um título sequer. Nada comemorativo. Nada que marcas-se a data. Assim que entramos, havia um expositor com vários livros e uma fotografia do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Na parte de

<sup>3</sup> Trata-se do programa *Власть факта*, ou “A verdade dos fatos”, em português. Além da lambada, o samba e o futebol foram mencionados.

biografias, a personalidade que mais mereceu títulos foi Boris Yeltsin (1931-2007). Curiosamente, o presidente ficou marcado na memória dos brasileiros como alguém que dava vexame público devido ao excessivo consumo de bebida. Em Moscou aprendi a respeitá-lo. Yeltsin foi muito mais que isso.

A impressão que me dá é que a questão da liberdade e da democracia, tão pertinente hoje em dia na Rússia, faz com que o presente período histórico seja o que mais desperta atenção. Putin está há 16 anos no poder. Seja como presidente, seja como primeiro ministro. Não são poucas as vezes que ouvi de russos o quão estranha é a democracia deles. Mais complexo ainda é lembrar que Putin foi uma invenção do entorno de Yeltsin. Planejavam não mexer com os esqueletos do ex-presidente, e – supremo engano – poder manipulá-lo<sup>4</sup>.

Um dos momentos mais emblemáticos de Yeltsin, todavia, está vinculado à conquista democrática na Rússia, uma nação de formação autoritária. Foi em agosto de 1991. Havia poucos meses, Yeltsin se elegera. Gennady Yanayev, vice-presidente de Gorbachov, aproveitando-se da ausência deste, que viajara para Crimeia, criou o Comitê Geral para o Estado de Emergência. Decretou a suspensão de toda atividade política, baniu a maioria dos jornais e colocou Gorbachov em prisão domiciliar. Sobre o episódio vale a pena ler o que diz a prêmio Nobel Svetlana Alexievich em seu livro *O fim do homem soviético*:

[...] contra o golpe, centenas de manifestantes se puseram em frente à Casa Branca, o prédio do Parlamento Russo e o escritório de Boris Yeltsin, construindo barricadas para proteger suas posições. Yeltsin dirigiu o célebre discurso à multidão de cima de um tanque. Forças do Exército foram enviadas pelo Comitê de Emergência, mas elas se recusaram a conter as barricadas e ficaram ao lado dos que protestavam. Após três dias, o golpe foi desbaratado. Gorbachov regressou e prendeu os membros do Comitê de Emergência. Em 24 de agosto, Gorbachov dissolveu o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética e renunciou ao cargo de secretário-geral [...] (ALEXIEVICH, 2016, tradução minha).

Símbolos. Em outras livrarias onde estive, capas de caderno e cartões são preferencialmente ilustrados com motivos da família real. Em produtos dispostos em lojas fora das áreas turísticas, os Romanov são presença constante em cartões e capas de caderno. Em segundo lugar estão motivos referentes à Segunda Guerra Mundial, assunto sobre o qual vigora um visível orgulho. Em junho deste ano, o Levada Center, uma organização não governamental que mantém um núcleo de pesquisas sociais, conferiu o patriotismo russo em relação a esse tema<sup>5</sup>. Cerca 63% da população acredita que a União Soviética teria triunfado contra a Alemanha nazista sem qualquer ajuda do exterior.

#### **“PORQUE NÃO HAVERÁ REVOLUÇÃO NA RÚSSIA”**

Esse é o título de uma reportagem assinada por Yevgeny Levkovich para o já citado jornal *Russia Beyond the Headlines*

4 Detalhes sobre a sucessão de Yeltsin estão no livro *The man without a face: the unlikely rise of Vladimir Putin*, de Masha Gessen (2013).

5 A pesquisa foi publicada em reportagem do jornal *The Moscow Times* (TWO THIRDS..., 2017).



A herança revolucionária aparece como *souvenir* para turistas

(LEVKOVICH, 2017). Cem anos depois, o jornalista esteve em São Petersburgo, onde, em fevereiro de 1917, a Revolução teve início devido a protestos de operárias do setor têxtil. Qual seria o lugar de fala dos trabalhadores de hoje? O que eles pensam e qual é a memória que perdura do legado da Revolução?

A primeira personagem entrevistada é Nina. Ela é operadora sênior de máquina de enrolamento. Tem 47 anos. A conversa aconteceu após o plantão. Não foi permitida a entrada do jornalista na fábrica. Com uma tabela de dados comparativos, Levkovich demonstrou que Nina ganha três vezes menos do que as operárias que impulsionaram o levante que redundou na queda da monarquia e na implantação do regime comunista. Ao perguntar se estava satisfeita com o salário, Nina respondeu: “Nunca haverá

dinheiro suficiente, você sempre vai querer mais. Não posso ficar reclamando de tudo”.

Ao ser questionada a respeito da Revolução de Outubro, Nina disse saber apenas que uma grande quantidade de sangue foi derramada, que o tsar foi assassinado e que “tudo isso é ruim”, pois “sangue é sempre ruim”. “Em geral, eu não sou interessada em políticos”, ela disse.

Meus pais me tiveram na União Soviética, e, não importa as dificuldades que encontrássemos, eles diriam: “Ao menos não há guerra”. E eu concordo com isso. Veja o que está acontecendo na Ucrânia após a revolução deles. Sangue, pobreza. Deixem as coisas seguirem sem mudança para que não tenhamos que passar por algo assim. A história se move para onde quer ir (LEVKOVICH, 2017, tradução minha).

No texto, Levkovich estabelece várias semelhanças entre a Rússia de hoje e a Rússia revolucionária de 100 anos atrás. Escreve ele:

Apesar disso, todas essas comparações caem por terra quando eu converso com os transeuntes. A esmagadora maioria das pessoas com quem eu conversei em São Petersburgo é contrária a atividades revolucionárias independentemente da situação, embora muitas delas não estejam satisfeitas com suas vidas no atual governo. Alguns dizem que derramamento de sangue é inaceitável. Outros dizem que um gradual desenvolvimento é melhor que uma revolução, e outros simplesmente não veem alternativa ao atual regime (LEVKOVICH, 2017, tradução minha).

### LEGADO DA REVOLUÇÃO

Desde a primeira hora, a vanguarda russa foi uma aliada dos revolucionários. E, entre os vanguardistas, ninguém se entusiasmou mais do que Maiakóvski. Ao escrever a biografia do poeta e dramaturgo, Bengt Jangfeldt mostra como foram as reações iniciais quando a monarquia foi derrubada<sup>6</sup>.

A dominante sensação na primavera de 1917 era de liberação, de euforia. Para Maiakóvski e outros escritores e artistas, a revolução despertou esperanças de que a eles seria permitido fazer seu trabalho sem interferência oficial dos censores ou de academias.

Em março fundou-se a União dos Trabalhadores da Cultura, com representações de vários segmentos: de conservadores a anarquistas, incluindo também os mais radicais futuristas. Maiakóvski foi escolhido como representante dos escritores.

Por que um controverso futurista e não um autor consagrado mundialmente como Maxim

Gorki? A explicação é que Gorki havia aceitado participar de uma comissão do governo e logo depois foi acusado de ter sido cooptado por aqueles que trabalham na área cultural [...] (JANGFELDT, 2014, p. 97, tradução minha)

Se Gorki se tornou o cão de guarda do regime, Maiakóvski, que acreditava e sonhava tanto com a Revolução, foi o seu igual oposto. Foi por essa razão que, antes do triunfo bolchevique em outubro, mas com a Revolução instalada em fevereiro, ao brindar à nova ordem revolucionária, o fez nos seguintes termos: “Longa vida para a vida política da Rússia e longa vida para uma arte livre do Estado”. E mais: “Eu não direi não para os políticos, mas não há lugar para políticos na arte”. Engano. O que não havia, no mundo soviético recém-inaugurado, era lugar para um poeta como Maiakóvski.

Se a vanguarda foi um poderoso aliado dos revolucionários para se tomar o poder, tornou-se, vitoriosa a Revolução, um aliado indesejável. Perto de ser afastado das funções que exercia, Lênin encontrou energia ainda para investir contra Maiakóvski, a cujo trabalho devotava verdadeira ojeriza. Enfurecido, escreveu ao comissário de Instrução Pública, Anatóli Lunatcharski: “Você não tem vergonha de ter votado pela publicação do *150.000.000*, de Maiakóvski, em cinco mil cópias? Um lixo. Estúpido. Estúpido além da crença e pretensioso. Na minha opinião, apenas uma de dez coisas como essas devem ser publicadas, e não mais que 1.500 cópias para bibliotecas e porras-loucas”.

6 Maiakóvski imaginava que o radicalismo estético seria política de governo. Como também era dramaturgo, queria começar um teatro novo. Do zero. Os bolcheviques queriam preservar o que havia de bom na arte clássica. Mais detalhes estão no livro *Russian drama of the revolutionary period*, de Robert Russell (1988).

Não era a primeira vez que Lênin era irascível com o seu comissário. Não foram poucas as vezes que usou a educação para se contrapor à vanguarda. Desesperado com a situação da mais importante casa de espetáculos da capital russa, o Teatro de Arte de Moscou, Anatóli Lunatcharski escreveu a Lênin. Se não fizessem nada, o teatro morreria. A resposta veio direta. Sem rodeios. “Eu aconselho você a colocar todos os teatros em caixões. O Comissário da Instrução Pública deveria estar preocupado em alfabetizar, e não com teatro.”<sup>7</sup>

Esse talvez seja um dos legados mais palpáveis da Revolução de Outubro. Os bolcheviques assumiram o poder de uma nação rural, de maioria analfabeta, e se empenharam em educá-la. O resultado pode ser visto atualmente. De acordo com pesquisa feita por uma agência alemã de *marketing*, a Rússia é o país com o segundo maior índice de leitura no mundo, perdendo apenas para a China. Conforme a pesquisa, 59% dos russos leem livros todos os dias ou quase<sup>8</sup>.

No regime soviético – lembra a escritora prêmio Nobel Svetlana Alexievich –, ler romances era a única forma de viajar pelo mundo. Testemunhei o quanto se lê por lá. E nos mais variados formatos: livro eletrônico, edição de bolso e até livros em celular, enquanto se está escorado nos vagões de trem. Lê-se muito. Lê-se sempre.

## IMAGINÁRIO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Como, hoje em dia, a literatura russa lida com a Revolução de Outubro? Na falta de uma convivência que me dê base para apresentar com propriedade um recorte dos autores contemporâneos, me valho de um documentário, *Russia's open book: writing in the age of Putin*. A produção é de 2011. Os autores apresentados estão vivos e estão entre os mais importantes da Rússia na atualidade. A direção é assinada pela dupla Paul Mitchel e Sarah Wallis<sup>9</sup>.

O documentário tem apresentação de Stephen Fry. Além de entrevistas com escritores, trechos de seus livros, com tradução para o inglês, são narrados. Ao todo, seis escritores nos são apresentados. Há, em praticamente todos os romances citados, uma relação com a herança soviética. Mais do que propriamente a Revolução, a vida dentro do sistema comunista é um tema obsessivamente trabalhado. O primeiro autor que aparece no vídeo é Zakhar Prilepin, 41 anos. É o único dos entrevistados a ver o legado soviético com simpatia.

Em fevereiro deste ano, Prilepin abandonou a literatura para assumir o comando de um batalhão na República Popular de Donetsk, que se autoproclamou independente da Ucrânia<sup>10</sup>. Nos anos 1990, Prilepin integrou as forças especiais russas e combateu na Guerra da Chechênia. A experiência

7 Lênin detestava teatro. A conversa com o comissário está registrada no já citado livro de Robert Russell (1988).

8 Matéria publicada no jornal *Russia Beyond the Headlines* (ROZIN, 2017).

9 O documentário na íntegra está disponível no Youtube (RUSSIA'S..., 2011).

10 Matéria publicada no *Russian Beyond the Headlines* (GUZEVA, 2017).

inspirou alguns de seus trabalhos. Foi preso diversas vezes em ações ligadas ao Partido Nacional-Bolchevique, de extrema esquerda, que inclusive foi banido na Rússia em 2007. De sua história na organização veio o material para o seu segundo romance, *Sankya*. No capítulo final, o personagem se vê na obrigação de enterrar o seu pai. Segue por uma estrada com péssima iluminação e sob um inverno vigoroso. O carro quebra. Ele tem de seguir com o dever de carregar o peso do cadáver de seu pai em uma paisagem consumida pelo frio e pela escuridão.

A metáfora do peso e da presença da morte é um fio constante. Os últimos dias do artista Alik, que recebe amigos queridos e antigos amores enquanto agoniza, é o tema de um dos romances de Lyudmila Ulitskaya, 73 anos. Em tradução para o inglês, o título ficou: *Funeral party*. A obra foi lançada em fins dos anos 1990, momento em que a União Soviética acabara de se decompor.

A mais jovem entre os autores é a escritora Anna Starobinets, de 38 anos, leitora que mistura referências clássicas russas com autores como Ray Bradbury, Edgar Allan Poe, e que trabalha com o universo do horror. Ela era criança quando aconteceu a mudança de regime. A entrada nesse novo mundo é trazida em seu romance *Sanctuary 3/9*, em que um garoto entra numa caverna de horrores. Ao ser enviado pela mãe àquele parque de diversões assombrado, o garoto pergunta se ela não o acompanhará. A resposta é não. Aquele lugar é para gente da

idade dele. É como se ela falasse: agora é a geração de vocês que precisa encarar os medos. Ao entrar na caverna, o menino se vê diante de um esqueleto.

## **PUTIN E O CONTROLE DO PASSADO HOJE**

Mais do que a Revolução de Outubro em si, a questão mais presente no cotidiano da Rússia hoje é o que fazer com a herança soviética. Vladimir Putin, cuja plataforma de governo acende o patriotismo da nação grande, vem se empenhando paulatinamente na restauração do legado de Stálin. A título de percepção do que o Estado russo pode se tornar, vale a pena lembrar do romance de Vladimir Sorokin, também personagem do documentário. O livro, cujo título em tradução para o inglês ficou *Day of the Oprichnik*, se passa em 2026, quando a Rússia se decide pela volta da monarquia e volta a ser regida por um tsar.

Em fevereiro deste ano, a aprovação a Stálin, na Rússia, obteve o mais alto índice em 16 anos<sup>11</sup>. Os que o apoiam são 46%, enquanto em 2016 o número era de 37%. O número de pessoas que se diziam indiferentes diminuiu de 32% para 22%. Os que são desfavoráveis à sua memória passaram de 17% para 31%.

Em 2015, analisando o crescimento nas pesquisas, David L. Hoffman, professor de história da Universidade de Ohio, nos Estados Unidos, escreveu um artigo que foi publicado no jornal *The Moscow Times*: “Stálin ressurgue nas cinzas da era Putin”. Após analisar a importância de Stálin e de assinalar o

11 Matéria publicada no *Russia Beyond the Headlines* (HOFMAN, 2017).



custo de seu legado, Hoffman discorre sobre a ainda existência da Otan, à qual países do leste europeu vêm se integrando, o que tem causado desconforto no Kremlin. E afirma:

[...] no contexto em que a Rússia se diminui no plano internacional e a hostilidade americana é renovada, não é surpresa que tanto o governo Putin como muitos cidadãos russos olhem favoravelmente para a era Stálin – um tempo em que a Rússia era respeitada, e até mesmo temida; um tempo em que o poder russo estava em crescimento e não se retraindo; um tempo em que a Rússia derrotava a Alemanha nazista e se tornava uma superpotência mundial (HOFFMAN, 2015, tradução minha).

Ano passado, Putin nomeou a primeira mulher que assumiu o Ministério da Educação. Olga Vasilyeva tem uma posição um tanto ambígua com relação aos crimes cometidos na União Soviética. Em matéria assinada por Eva Hartog (2016), também para o jornal *The Moscow Times*, menciona-se que a ministra fala de “mitos assombrosos” que abundaram nos anos 1990. Ao comentar a revista *Ogonyok*, que, como boa parte da imprensa da época, noticiou à exaustão os horrores do regime, Vasilyeva deu de ombros. “Se você olhar o número de mortos [sob o regime soviético] citado na *Ogonyok*, começa a ficar completamente incerto quem foi deixado vivo afinal”.

Aliados da ministra, por sua vez, desmentem as acusações alegando que são

baseadas em citações fora de contexto e defendem seus pronunciamentos públicos sobre Stálin como avaliações históricas calcadas em fatos. Qual a razão da cautela? Mesmo com o crescimento da avaliação positiva do seu legado, Stálin ainda é uma figura controversa. E não só ele. Lênin também.

Em março deste ano, o Sínodo dos Bispos da Igreja Ortodoxa Russa emitiu uma nota em que dizia que “o túmulo de Lênin precisa ser fechado”. O conteúdo do texto é direto. “[...] A remoção dos restos do principal algoz e perseguidor do século XX e a destruição dos monumentos em sua honra podem ser um dos símbolos da reconciliação do povo da Rússia com Deus [...]. Deve-se fazer o mesmo com os nomes das regiões, ruas e cidades russas que até hoje ainda são privadas de seus nomes históricos.”<sup>12</sup>

Em abril deste ano, o já citado *Levada Center* divulgou dados referentes à opinião das pessoas sobre o assunto. Pelo menos 58% dos russos são a favor de que o corpo de Lênin seja retirado do mausoléu e enterrado<sup>13</sup>.

Nos dias de hoje, na Rússia, mexer com o passado tem sido algo perigoso. Yuri Dmitriev, historiador e ativista, foi estranhamente condenado pelo crime de pedofilia. Encontraram fotos da filha adotiva dele<sup>14</sup>. O órgão que classificou as imagens como material pornográfico foi o mesmo que classificou o *Pussy Riot* e as *Testemunhas de Jeová* como extremistas.

12 A nota foi reproduzida em matéria publicada no *Pravda* (não confundir com o jornal do Partido Comunista Russo), em março deste ano (ARTYUKOV, 2017). A tradução é minha.

13 Matéria publicada no jornal *The Moscow Times* (60% OF RUSSIANS..., 2017).

14 Matéria publicada no jornal *The Moscow Times* (FISHMAN, 2017).

Dmitriev é o líder do memorial às vítimas do stalinismo, localizado na cidade de Carélia, região noroeste da Rússia. Foi onde descobriram-se, apenas em 1997, valas de 1.111 prisioneiros.

Na Ingushetia, região administrativa russa, o nome de Stálin foi banido<sup>15</sup>. A lei, votada em fevereiro deste ano, proíbe a existência de monumentos, a nomeação de cidades e ruas, além de tornar ilegal expressar apoio público ao ditador soviético. Em setembro de 2016, porém, ergueram um busto a Stálin, em Surgut, na Sibéria. Houve protesto e reação popular. Jogaram tinta vermelha na estátua. Um mês depois de instalado, a prefeitura deliberou pela remoção do monumento, construído de maneira irregular, sem autorização legal<sup>16</sup>.

Svetlana Alexievich sabe, como ninguém, cruzar vozes. Em seu já citado *O fim do homem soviético*, há o depoimento

de uma mãe. Ela entra no quarto do filho e vê *O capital*, de Marx, e *Minha vida*, de Trótski. O rapaz vai à universidade e se encontra com amigos que vestem camisas com fotos de Lênin e Guevara.

Nos meses em que vivi em Moscou, morei num bairro universitário, Akademicheskaya. Havia *campi* por todo lado. Eu cruzava com estudantes sempre. Só uma vez vi algo parecido com o que Svetlana descreve. O rapaz pegou o mesmo metrô que eu. Deveria ter 15 anos. A roupa que usava, um terno puído de tecido grosso, e uma calça jeans surrada, evocava algo de *hippie*. Mas naquele limite bem apresentável. Sem nenhuma cicatriz aparente. Usava óculos escuros. Mesmo dentro do vagão. O cabelo lembrava muito Bob Dylan na capa do disco *Blonde on Blonde*<sup>17</sup>. Parecia um jovem antigo. Um exemplar fora de seu tempo. Trazia na lapela um broche com o rosto de Lênin.

## REFERÊNCIAS

- 60% OF RUSSIANS want Lenin's body buried. *The Moscow Times*, Moscou, 21 abr. 2017. Disponível em: <<https://themoscowtimes.com/news/60-of-russians-want-lenins-body-buried-57785>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- ALEXIEVICH, Svetlana. *Secondhand time: the last of the Soviets*. Tradução Bela Shayevich. Nova York: Random House, 2016.
- ARTYUKOV, Oleg. Should Russia forget about Lenin and finally bury him? *Pravda*. Moscou, 14 mar. 2017. Disponível em: <[http://www.pravdareport.com/russia/politics/14-03-2017/137100-russia\\_lenin-0/](http://www.pravdareport.com/russia/politics/14-03-2017/137100-russia_lenin-0/)>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- BASÍLIO, Astier. O menino de Svetlana. In: \_\_\_\_\_. *Russos não riem* [blog], Moscou, 11 mar. 2017. Disponível em: <<https://russosnaoriem.com/2017/03/11/o-menino-de-svetlana/>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- FISHMAN, Mikhail. Stalin's shadow: how a gulag historian fell victim to Russia's dark past. *The Moscow Times*, Moscou, 9 jun. 2017. Disponível em: <<https://themoscowtimes.com/articles/the-shadow-of-the-gulag-eighty-years-on-from-the-great-purge-stalin-is-striking-back-and-historians-are-the-victims-58172>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- GESSEN, Masha. *The man without a face: the unlikely rise of Vladimir Putin*. Nova York: Riverhead Books, 2013.
- GUZEVA, Alexandra. What makes a popular Russian writer go to fight in Donbass? *Russia beyond the headlines*, Moscou, 23 fev. 2017. Disponível em: <[https://www.rbth.com/arts/literature/2017/02/23/writer-zakhar-prilepin-donbass\\_708066](https://www.rbth.com/arts/literature/2017/02/23/writer-zakhar-prilepin-donbass_708066)>. Acesso em: 17 jun. 2017.

15 Matéria publicada no jornal *The Moscow Times* (RUSSIAN..., 2017).

16 Matéria publicada no jornal *The Moscow Times* (STALIN MONUMENT..., 2016).

17 O garoto foi tema de postagem no meu blog, *Russos Não Riem* (BASÍLIO, 2017).

- HARTOG, Eva. God, Stalin and patriotism: meet Russia's new Education chief. *The Moscow Times*, Moscou, 24 ago. 2016. Disponível em: <<https://themoscowtimes.com/articles/god-stalin-patriotism-meet-russias-new-education-minister-55090>>. Acesso em: 17 jun. 2017.
- HOFFMAN, David L. Stalin rises from the ashes in Putin's Russia. *The Moscow Times*, Moscou, 14 abr. 2015. Disponível em: <<https://themoscowtimes.com/articles/stalin-rises-from-the-ashes-in-putins-russia-45743>>. Acesso em: 18 jun. 2017.
- HOFFMAN, Eva. Stalin's approval rating at highest level in 16 years. *Russia beyond the headlines*, Moscou, 17 fev. 2017. Disponível em: <<https://www.rbth.com/news/2017/02/17/stalins-rating-highest-poll-704083>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- JANGFELDT, Bengt. *Mayakovsky: a biography*. Tradução Harry D. Watson. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 2014.
- LEVKOVICH, Yevgeny. Why there will be no revolution in Russia. *Russia beyond the headlines*, Moscou, 15 fev. 2017. Disponível em: <<https://www.rbth.com/longreads/why-no-revolution-russia/>>. Acesso em: 17 jun. 2017.
- ROZIN, Igor. Russians rank second globally for reading the most. *Russia beyond the headlines*, Moscou, 30 mar. 2017. Disponível em: <[https://www.rbth.com/news/2017/03/30/russians-rank-second-globally-for-reading-the-most\\_731291](https://www.rbth.com/news/2017/03/30/russians-rank-second-globally-for-reading-the-most_731291)>. Acesso em: 16 jun. 2017.
- RUSSELL, Robert. *Russian drama of the revolutionary period*. Londres: Palgrave Macmillan, 1988.
- RUSSIA'S open book: writing in the age of Putin. Direção: Paul Mitchel; Sarah Wallis. Lakeville (CT), Londres: Intelligent Television, Wilton Films, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vRPDM7OTM-rI&t=1433s>>. Acesso em: 16 jun. 2017.
- RUSSIAN region bans Stalin on anniversary of deportations. *The Moscow Times*, Moscou, 23 fev. 2017. Disponível em: <<https://themoscowtimes.com/news/russias-ingushetia-republic-moves-to-ban-stalin-57255>>. Acesso em: 21 jun. 2017.
- STALIN MONUMENT in Siberia removed month after unveiling. *The Moscow Times*, Moscou, 6 out. 2016. Disponível em: <<https://themoscowtimes.com/news/stalin-monument-in-siberia-removed-month-after-unveiling-55632>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- STEINBECK, John; CAPA, Robert. *Um diário russo*. São Paulo: Cosac Naify, 2003 [1948].
- TWO THIRDS of russians believe USSR would have won WWII without allied help. *The Moscow Times*, Moscou, 22 jun. 2017. Disponível em: <[https://themoscowtimes.com/news/two-thirds-of-russians-believe-the-soviet-union-would-have-won-wwii-without-allied-help-58244?utm\\_content=buffer28bdf&utm\\_medium=social&utm\\_source=facebook.com&utm\\_campaign=buffer](https://themoscowtimes.com/news/two-thirds-of-russians-believe-the-soviet-union-would-have-won-wwii-without-allied-help-58244?utm_content=buffer28bdf&utm_medium=social&utm_source=facebook.com&utm_campaign=buffer)>. Acesso em: 28 jun. 2017.
- YEGOROV, Oleg. Why were so many Russians once communists? *Russia beyond the headlines*, Moscou, 16 mar. 2017. Disponível em: <[https://www.rbth.com/politics\\_and\\_society/2017/03/16/why-were-so-many-russians-once-communists\\_721106](https://www.rbth.com/politics_and_society/2017/03/16/why-were-so-many-russians-once-communists_721106)>. Acesso em: 15 jun. 2017.

